

Pandemia na Ásia-Pacífico e no Oriente Médio

trabalhando as fragilidades reveladas
para um pós-Covid inclusivo e verde

Lúcia Marques

Na Ásia-Pacífico e no Oriente Médio, a convergência entre Covid-19, conflitos e eventos climáticos são um somatório crítico para os sistemas de saúde e para o sistema econômico, aumentando a crise social, a pobreza e a fome. Um efeito cascata que sobrecarrega e desafia governos e contribui para o aumento de refugiados e deslocados, principalmente no Oriente Médio. Ao mesmo tempo, ambas as regiões olharam para as fragilidades que vieram à tona pela pandemia (Marques, 2020a) – sejam tecnológicas ou energéticas, sejam de infraestrutura, sejam de trabalhadores e direitos humanos e das mulheres – e viram o momento como uma oportunidade estratégica para promover mudanças estruturais e uma recuperação inclusiva e verde.

No meio do caminho, assume um novo presidente americano. Sai Trump e entra Biden. Diferentes em estilo, mas iguais no foco de oposição à China. E o efeito borboleta dessa bipolaridade nas duas regiões: como uma potência global, o que os Estados Unidos da América (EUA) fazem em uma região pode facilmente impactar outra, a exemplo do Afeganistão, que se revelou uma catástrofe humanitária e um desastre geopolítico.

É sobre esse cenário de avanços em vários aspectos e preocupante em outros que se propõe a falar neste capítulo. Para maior compreensão dos cenários, apre-

senta-se um breve contexto histórico/geopolítico, com as situações que contribuíram para tensões nas duas regiões e culminaram nas crises humanitárias recentes.

CONTEXTOS

Nas duas regiões, não há como pensar em saúde sem olhar para os determinantes sociais da saúde e para as desigualdades sociais e sanitárias. Mas não são só esses fatores; também é necessário olhar para os contextos culturais, históricos, geográficos, de segurança e paz e econômicos que estressam governos, atraem interesses, geram conflitos, influenciam políticas públicas e desembocam em crises humanitárias. A crise no Afeganistão destacou a importância de se entenderem as culturas e os contextos.

Ásia-Pacífico (AP) e Oriente Médio (OM) têm muitas similaridades, uma vez que abrigam culturas milenares e muitas etnias e, em algum momento de suas histórias, ambas as regiões sofreram influências do colonialismo europeu e do redesenho do mundo pós-Segunda Guerra Mundial. E nos últimos anos vivem a pressão do poderio americano, que se move de acordo com seus interesses. Atualmente, o foco é o Indo-Pacífico e a disputa contra a China.

Oriente Médio: tradição de conflito, não de paz

Região estratégica onde o Leste encontra o Oeste, o OM é rico em petróleo, gás, pedras preciosas, terras raras; tem acesso ao mar Mediterrâneo, ao mar do Golfo, à África e ao oceano Índico; despertou e ainda desperta muitos interesses econômicos e geopolíticos. É centro de peregrinação – berço das três maiores religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo.

Esse conjunto de riquezas minerais e de tradições religiosas transforma a região num caldeirão de rivalidades e de disputas entre potências: sunitas e xiitas; árabes e judeus; presença ou apoio a aliados, sempre militarmente, dos EUA e da Rússia. Mas outras rivalidades contribuem para a atual instabilidade regional. Israel (apoiado pelos EUA) e Irã (rival dos EUA) protagonizam uma guerra indireta. Situações que favoreceram, mais cedo ou mais tarde, o surgimento de grupos fundamentalistas e jihadistas como Al Qaeda, Estado Islâmico, Talibã; e de resistência antijudaica, como Hezbollah, Hamas, Houthis.

Não podemos deixar de trazer para o contexto a Primavera Árabe (Simões, 2021), período de transformações que começou na primavera de 2010, com a morte de um vendedor de frutas na Tunísia, e deflagrou onda de protestos e revoluções no Oriente Médio e no norte africano, quando a população foi às ruas para derrubar ditadores ou reivindicar melhores condições de vida, com consequências importantes até hoje. Alguns protestos terminaram pacificamente, outros se transformaram em longas guerras civis, como na Líbia, na Síria e no Iêmen. Infelizmente, os ganhos no

campo dos direitos foram poucos ou se reverteram em crises humanitárias. Já são milhões de refugiados e deslocados. Afeganistão, Líbano, Palestina, Gaza e Iraque se somam a esses exemplos de conflitos e caos, envolvendo ditadores se perpetuando e movimentos antissionistas.

Novos atores em cena e foco na cooperação

Vivenciando os últimos acontecimentos na região, mais a necessidade urgente de recuperar a economia, melhorar as estruturas sociais – em razão da maior fragilidade da Covid-19 – e, simultaneamente, trabalhar os agravos dos eventos climáticos, os países começam a conversar entre si para buscar estabilidade regional, melhorar a governança, avançar nas relações comerciais, garantir acesso à água e à energia e investir em infraestruturas, principalmente verdes.

Nesse cenário geopolítico que vai se configurando com novos atores, várias reuniões e conversas foram estabelecidas, buscando um caminho de equilíbrio, paz, segurança e cooperação para o Afeganistão. Organizada pelo Irã, a Conferência de Teerã reuniu os países vizinhos, que discutiram questões relevantes para todos. A declaração (*China, 2021*) conjunta construiu um consenso sobre como lidar com as autoridades não reconhecidas do país e sobre formas de trabalhar uma solução afegã para o Afeganistão. Todos concordaram que o Talibã é uma realidade no país.

Na esteira do superacordo entre China e Irã, assinado no final de 2020 (*Marques, 2020b: 68*), Jordânia, Qatar, Turquia e China conversam para avançar nos caminhos da Nova Rota da Seda envolvendo transporte, energia, infraestrutura.

As guerras civis na Síria e no Iêmen entraram na agenda da política externa dos vizinhos. Esses conflitos já geraram milhões de refugiados nos países fronteiriços, sobrecarregando os sistemas de saúde já colapsados pela pandemia – o Irã abriga cerca de um milhão de sírios e mais de três milhões de afegãos, por exemplo. A crise palestina também está na agenda, embora a intrincada e complexa estabilidade entre Israel e Palestina (*Marques, 2021c: 81*) envolva uma busca mais ampla de paz e ultrapasse a competência dos estados regionais.

Ainda é cedo para saber se esses novos arranjos trarão um pouco mais de paz, segurança e retomada econômica para as populações da região. Tarefa hercúlea para uma região que tem tradição de conflito e não de paz.

Afeganistão urgente!

A situação precária da população no Afeganistão antecede a violência recente do Talibã e a Covid-19, embora tenha sido agravada por ambas. O país já dependia de ajuda humanitária, financeira e de recursos humanos muito antes da pandemia.

Durante o Fórum sobre Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2021b) para o acompanhamento da Agenda 2030, o Afeganistão apresentou seu relatório com revisões e progressos. O relatório (Afeganistão, 2021) indica pequena melhora no padrão da saúde nas duas últimas décadas – durante a ocupação americana –, mas destaca que a corrupção no governo, o desvio de dinheiro e a prática de comércio ilícito foram grandes alçozes do progresso ou causadores de retrocessos. Não foram só eles, entretanto. A pandemia e os impactos climáticos não só interromperam o progresso como reverteram o avanço de muitos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), afetando os mais pobres e vulneráveis (em cada dois afegãos, um é pobre). Cerca de 39,9% da população sofre insegurança alimentar em áreas urbanas e rurais, mas principalmente em regiões onde vivem mais mulheres e famílias chefiadas por elas. Isso é bem significativo quando levamos em conta que quase metade (48,5%) da população afegã tem menos de 15 anos.

A retirada caótica dos EUA do Afeganistão (Marques, 2021a, 2021b) e o bloqueio do patrimônio financeiro do ex-governo afegão, depositado em instituições financeiras no exterior, contribuíram para agravar a situação. A suspensão de financiamento já deixou milhões de afegãos vulneráveis sem acesso a cuidados essenciais de saúde. O relato veio da OMS Mediterrâneo Oriental (WHO, 2021b). O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Ghebreyesus (2021), visitou o país buscando o engajamento dos líderes do Talibã para apoiar o povo do Afeganistão e chamou a atenção para os impactos negativos no combate à pólio ou no tratamento de pacientes com Covid-19. O apelo foi ouvido pelo Talibã, e a OMS, com apoio de agências da ONU, iniciou a vacinação. A campanha conta com apoio das mulheres, que voltaram ao trabalho.

Questão Palestina: Covid-19 e Apartheid

Israel segue seu plano de anexar as terras férteis da Cisjordânia, que tem Jerusalém como capital e abriga assentamentos palestinos e judeus, construindo novas residências, criando novas colônias e invadindo terras, casas e expulsando famílias palestinas. As colônias instaladas nos territórios ocupados por Israel são consideradas ilegais pela Organização das Nações Unidas, que reconhece o direito de dois Estados, palestino e israelense.

A situação vem de longa data e é complexa. Judeus e palestinos acreditam possuir direitos históricos na região. Para se garantir como Estado étnico, Israel precisa garantir maioria étnica na região, e para isso pratica políticas de migração de judeus para as novas colônias. Agora usa a política de vacinação como um marcador de segregação étnica. Israel recusa-se a vacinar contra Covid-19 a população palestina, embora o tratado sobre direitos humanitários determine que as forças ocupantes devam garantir acesso à saúde à população local.

Além das restrições de circulação e de acesso a tratamentos médicos, o recente conflito entre israelenses e palestinos, principalmente em Gaza, agravou uma situação que já era crítica (WHO, 2021a). Para piorar o cenário, Israel designou seis entidades da sociedade civil palestinas como “organizações terroristas”. Para a alta-comissária da ONU para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, a decisão é um ataque aos direitos humanos e às liberdades de associação. As organizações não governamentais (ONGs) trabalham em parceria com a ONU. Defender os direitos humanos e das mulheres e fornecer assistência jurídica a palestinos presos não é ato de terrorismo (WHO, 2021a, 2021c).

Ásia-Pacífico: onde o futuro tecnológico está

A região tem 58 países, abriga mais da metade da população mundial e concentra algumas das maiores potências econômicas. É berço das três mais antigas civilizações: chinesa, do vale do Indo e aborígenes australianos. São gigantes como a China ou pequenas nações insulares, como Niue. Apesar da heterogeneidade das economias, diferentes religiões e culturas, pode-se dizer que a região se desenvolveu em harmonia e tolerância – embora a atual onda de ódios e de intolerância étnica e religiosa já esteja chegando à região, fazendo reviver lutas separatistas, como muçulmanos *versus* hindus.

Myanmar: limpeza étnica e violação de direitos humanos

Com 135 grupos étnicos, o país, majoritariamente budista, está à beira de uma guerra civil. O relatório do Escritório de Direitos Humanos da ONU (2021a) detalhou violações generalizadas por parte dos militares contra o povo. Desde fevereiro de 2021, quando os militares tomaram o poder, a situação tem se agravado: as manifestações populares foram reprimidas com violência e já são centenas de mortos e presos e uma profunda crise econômica.

No poder há décadas, os militares são acusados de perseguição brutal e violações dos direitos humanos, com consequências para países vizinhos, que recebem milhares de migrantes, entre eles os quase 3 milhões de Rohingya, minoria islâmica. Em 2017, a etnia fugiu da perseguição militar – milhares foram mortos, mulheres e crianças violadas e casas e aldeias queimadas. Foram considerados não cidadãos Myanmar e perderam todos os direitos civis (Marques, 2020b: 119). A campanha foi descrita pela ONU como limpeza étnica.

Os Rohingya fugiram para Malásia, Indonésia, Arábia Saudita e Paquistão. Mas é em Bangladesh que está o maior campo de refugiados Rohingya, com 1 milhão de pessoas, e que continua a aumentar. A Covid-19 acrescentou novos desafios a uma situação que já era complexa. Apesar das dificuldades, com ajuda das agências da ONU e da OMS, Bangladesh tem fornecido serviços básicos, inclusive para vacinar essa população contra Covid-19. O Banco Mundial preparou um

documento-quadro (World Bank, 2021a) para política de refugiados – são mais de 80 milhões no mundo – com propostas para criar dispositivos para que os deslocados comprem ou aluguem terras e possam cuidar da sua subsistência. Proposta rejeitada por Bangladesh, que ainda espera que eles sejam repatriados. Como? Se não são cidadãos em seu próprio país. Sem nacionalidade, não podem viajar ou casar, não têm acesso ao mercado de trabalho, nem aos serviços públicos básicos. Apátridas, são um povo que ninguém quer.

Mar Meridional da China: tensões sino-americanas em outro patamar

O mar Meridional da China, no sudeste da Ásia, tem minúsculas ilhas, atóis e bancos de areia. É rico em petróleo, gás natural e estratégico como rota de navegação e para a indústria pesqueira, imprescindíveis para a China – e também para Filipinas, Vietnã, Malásia, Brunei, Indonésia, Cingapura, Camboja e Taiwan. Todos reivindicam áreas que se sobrepõem; os reclamantes se movem para ocupar ou neutralizar uns aos outros há mais de setenta anos (Marques, 2020b: 79, 97; Marshal, 2018: 67-69).

No entanto, as disputas se intensificaram em 2020, quando o governo Trump aumentou movimentos para cooptar aliados para combater uma China mais assertiva e *para garantir a liberdade de navegação na região*. Os EUA aumentaram a presença militar na área. Em resposta, a China transformou atóis desabitados e formações rochosas em bases militares avançadas.

O novo presidente Joe Biden, empossado em 2021, mantém os objetivos de seu antecessor quando o assunto é China e o Indo-Pacífico e reconvocou (White House, 2021) o Quad, agora com características mais atrativas: recuperação econômica, combate à Covid-19, produção e distribuição de vacinas para a região, tecnologias para mudanças climáticas. O discurso valoriza as relações multilaterais, mas em paralelo, Biden fecha acordos bilaterais com cada um dos parceiros. E elevou a tensão a outro patamar ao firmar acordo com a Austrália para a construção de submarinos de propulsão nuclear, com tecnologia americana. O acordo Aukus (sigla em inglês para Austrália, Reino Unido e EUA) é claramente uma forma de aumentar a pressão sobre a China na Ásia-Pacífico. O *efeito borboleta* dessa tensão elevada já se faz sentir na falta de consenso nos debates em vários fóruns plurilaterais.

Por trás da pressão militar, articulação com aliados, acusações sobre direitos humanos e sanções econômicas, está o futuro da tecnologia: os semicondutores e *microchips* (os mais avançados, com 7 nanômetros, são produzidos na Coreia do Sul e em Taiwan); computação quântica e o 5G – quinta geração de tecnologia de rede de rádio (Internet das Coisas), capaz de acelerar automação das indústrias, cidades inteligentes, assistência médica remota, cirurgias robóticas (Marques, 2021d: 73).

Portanto, o futuro da tecnologia para modelagem para vigilância de novas pandemias, adaptação energética ou medicina de precisão está em jogo. E para

as nações do Indo-Pacífico e do Oriente Médio, escolher o lado errado dessa bipolaridade pode ser crítico, uma vez que há risco de essa disputa tecnológica virar armamentista.

AÇÕES DOS ORGANISMOS MULTILATERAIS E BLOCOS ECONÔMICOS

Na AP e no OM, os blocos econômicos, por suas capilaridades, se configuraram excelentes fóruns de discussões e se articulam entre si e com fóruns de outras regiões. E já em 2020, em cooperação com as agências e escritórios da ONU e OMS, começaram a promover debates, produzir conteúdo e orientações e discutir estratégias para enfrentar a Covid-19 e, ao mesmo tempo, planejar ações para o pós-Covid inclusivo e sustentável.

As duas regiões abrigam três escritórios regionais da OMS, mas isso não significa que todos os países sejam membros. E ainda há exceções como, por exemplo, Israel, que é membro da OMS Europa.

Escritórios regionais da OMS

OMS Ásia Sudeste

Com mais de um quarto da população mundial, são apenas 11 Estados-membros. A região é propensa a desastres naturais e surtos de doenças. Uma das prioridades da regional é fortalecer a gestão de riscos de emergência e capacitar sistemas de saúde robustos e resilientes. Durante a pandemia, lançou um plano estratégico para preparação e respostas ao SARS-CoV-2 e trabalhou a capacitação de trabalhadores da saúde – mão de obra escassa na região. Manteve relatórios atualizados sobre a situação pandêmica na região (WHO, 2021d).

OMS Pacífico Ocidental

Com 37 países-membros, é uma região com Estados diferentes em geografia, densidade populacional, níveis de desenvolvimento econômico e social, alguns com sistemas de saúde fortes, outros com sistemas de saúde fracos. Vai desde a Mongólia, na Ásia Central, até as Ilhas Pitcairn, distante no oceano Pacífico. A regional já vinha trabalhando em parceria com o escritório da Ásia Sudeste pelas similaridades nas emergências climáticas e surtos emergentes. No âmbito da Covid-19, produziu orientações para preparação e mitigação da emergência, trabalhou para apoiar políticas e estratégias nacionais e vem realizando campanhas de conscientização sobre imunização. Em paralelo, mantém o foco nas ações para mudanças climáticas e meio ambiente (WHO, 2021e).

OMS Mediterrâneo Oriental

A regional engloba os países do Oriente Médio e do norte africano, de maioria árabe-muçulmana, e onde estão o maior número de conflitos e grande número de refugiados e deslocados. Atua principalmente na ajuda humanitária, na saúde mental e para erradicação de doenças como pólio e sarampo. Durante a pandemia, como os conflitos não deram trégua, pelo contrário, o trabalho se intensificou para fazer chegar ajuda – kits diagnósticos, equipamentos de proteção individual (EPIs), vacinas e suprimentos – aos países atingidos. Vem realizando um trabalho intenso de tradução de publicações, relatórios, materiais educativos e de campanha, kits de medicamentos e termos médicos, além de capacitar tradutores. Busca ainda centralizar informações, dados e estatísticas, uma vez que alguns sistemas de governos estão destruídos pelos conflitos (WHO, 2021e).

Blocos econômicos e instituições financeiras

Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean)

Reúne dez Estados-membros – em diferentes estágios de desenvolvimento – e atua como porta-voz dessas nações, articulando cooperações bilaterais com países da região e fora dela. Em 2020, no início da pandemia, sob a presidência do Vietnã, o setor Saúde da Asean reuniu os ministros da Saúde, que discutiram mecanismos regionais de respostas à emergência e se comprometeram a atuar em rede, investir ainda mais nos sistemas de saúde – por meio de declaração conjunta (Asean, 2020). Com o avanço da pandemia, que trouxe à tona várias deficiências, a Asean (2021) promoveu debates, convidou especialistas e estabeleceu planos estratégicos. Com apoio do Banco Asiático de Desenvolvimento (ADB), vem discutindo caminhos para alcançar a recuperação da economia e, ao mesmo tempo, proteger a biodiversidade, os direitos humanos, das mulheres e crianças, capacitar e fortalecer sistemas sociais da saúde. Também produz estudos com recomendações para a gestão dos trabalhadores migrantes – uma das maiores fragilidades que a pandemia trouxe à tona. Mais informações nos *Cadernos Cris*, Informes 11, 13, 14 e 15 (Marques, 2021a: 63, 2021d: 68, 2021e: 72, 2021f: 71).

Cooperação Econômica da Ásia-Pacífico (Apec)

Reúne 21 países da Ásia, da Oceania e das Américas; engloba países com maior Produto Interno Bruto (PIB), maior população e os atuais rivais EUA e China. Em tempos de pandemia e eventos climáticos, o bloco está focado em sustentabilidade, inovação e digitalização, cadeias de suprimentos, recuperação inclusiva, empoderamento das mulheres, desafios das mudanças climáticas. Para garantir ampla imunização na região, continua sendo meta expandir a fabricação e o fornecimento de vacinas: garantir que o Acordo Trips apoie os esforços para pesquisa, desenvolvi-

mento, investimento na fabricação e distribuição de mais vacinas Covid-19; manter o compromisso de reduzir as tarifas de vacinas e outros suprimentos médicos relacionados à pandemia para agilizar a resposta internacional à crise de saúde (Apec, 2021).

Banco Mundial (BM)

O BM integra o Sistema ONU e reúne conhecimento e *expertise* em vários setores para os desafios globais e locais, com foco no desenvolvimento. No âmbito da Covid-19, o BM preparou um documento-quadro (World Bank, 2021a) para política de refugiados. E tem uma estratégia específica para as ilhas do Pacífico, por suas especificidades: população de cerca de 2,3 milhões de pessoas, espalhadas por centenas de ilhas, em uma área equivalente a 15% da superfície da Terra. Os países das ilhas do Pacífico são ricos em recursos naturais e em diversidade cultural, mas fisicamente separados dos principais mercados (World Bank, 2021c).

Banco Asiático de Desenvolvimento (ADB)

Organização estabelecida em 68 países, o ADB vai além do financiamento. Por meio de seu instituto (ADBI), atua como um *think tank*, analisa cenários, promove capacitação e estabelece programas de cooperação para saúde, mudanças climáticas e tecnologias verdes. Durante a pandemia, reuniu especialistas de várias áreas para discutir ações estratégicas, caminhos, soluções e alternativas para a Covid-19 e o pós-Covid (ADB, 2021a).

Cooperação Econômica Regional da Ásia Central (Carec)

O fórum reúne 11 países e é um programa sub-regional estabelecido pelo ADB para incentivar cooperação entre os países da Ásia Central, Sul da Ásia e parceiros, com foco na redução da pobreza, por meio de soluções de conhecimento e compartilhamento de experiências e melhores práticas. Nesse período pandêmico, a Carec lançou o estudo Estratégia 2030 para Saúde (ADB, 2021b), que analisa os desafios, o potencial e as oportunidades para promover a cooperação regional em saúde. O estudo recomenda o fortalecimento da segurança sanitária regional; o desenvolvimento de sistemas de saúde por meio da cooperação regional; e a melhoria dos serviços de saúde para migrantes, populações móveis e comunidades fronteiriças (Marques, 2021d: 71).

Banco Islâmico de Desenvolvimento (IsDB)

Atuando em 56 países de comunidades muçulmanas, além de financiamento, o IsDB presta análise e assistência técnica. Entre suas publicações, está o estudo sobre políticas do setor Saúde (IsDB, 2021). A instituição gerencia o fundo especial das caridades do Ramadã, o Zakat. Nos tempos atuais, organizações multilaterais como Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), Fundo

das Nações Unidas para a Infância (Unicef), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Cruz Vermelha começaram a fazer uso do Zakat de forma organizada.

DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA UM PÓS-COVID INCLUSIVO E VERDE

Trabalhar em cooperação para recuperar a economia, olhando para o futuro: investir em tecnologia verde; preservar a biodiversidade; focar no desenvolvimento sustentável; evitar a crise alimentar; ampliar e diversificar as redes de suprimentos; investir em tecnologias da 4RI, capacitação e requalificação de recursos humanos; amparar trabalhadores migrantes e ampliar os direitos das mulheres. Metas que são ao mesmo tempo desafios e oportunidades. As duas regiões conciliam a recuperação dos efeitos sociais e econômicos da pandemia com a urgência para minimizar os efeitos das mudanças climáticas para um futuro resiliente. Também vivem oportunidades para trazer soluções para enfrentar essas mudanças.

A AP é uma região em expansão econômica e de crescimento em infraestruturas, portanto, está bem posicionada para capturar oportunidades para o crescimento verde. Países como China e Japão estão investindo em tecnologia para substituir energias poluentes. A China construiu fazendas de geração de energia solar e eólica e colocou em teste uma nova usina com reator de sal fundido de fluoreto combinado com tório – quatro vezes mais abundante que o urânio e mais seguro. Outro avanço é a usina que transformará lixo nuclear em vidro para armazenamento seguro.

No OM, os países produtores de petróleo e gás já vinham investindo em novas soluções para substituir os vilões do aquecimento global. Profundos processos de reforma em andamento em várias potências árabes estão enfatizando o desenvolvimento social¹ e econômico e a cooperação regional. Emirados Árabes e Arábia Saudita lideram os avanços tecnológicos para combustível limpo proveniente da energia eólica, geotérmica, uso do hidrogênio, captura de carbono, replantio de árvores e recuperação dos ambientes marinhos costeiros. O Irã lidera discussões sobre preservação da região do mar Cáspio – em risco de secar (Marques, 2021f).

Reformas nas legislações vêm sendo discutidas buscando a inserção da mulher na recuperação econômica de países em ambas as regiões. Segundo relatório do Banco Mundial, *Mulheres, negócios e leis* (World Bank, 2021b), embora com menor pontuação, o OM foi a região que mais avançou nos esforços de reforma visando à igualdade de oportunidades (Marques, 2021a: 65-68).

Nas duas regiões, muitos dos esforços vão além de mudanças na legislação; associam educação para promover mudança de mentalidade desde a infância para

¹ A ausência de políticas sociais e de inclusão tornou a luta contra a pandemia mais difícil em muitos países.

garantir mudanças profundas. Como sempre enfatiza o secretário-geral da ONU, António Guterres, são desafios que exigem solidariedade e multilateralismo, assim como defender a ciência e o direito à vida, atentar para as habilidades, olhar para os invisíveis – migrantes, refugiados e apátridas – e fazer mais pela redução do carbono para que haja um planeta para as próximas gerações (UN, 2021).

REFERÊNCIAS

AFEGANISTÃO. Afghanistan Voluntary National Review (Vnr), 2021. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/280392021_VNR_Report_Afghanistan.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

ASIAN DEVELOPMENT BANK (ADB). Análise. Disponível em: <<https://covid19policy.adb.org/analysis>>. Acesso em: 14 nov. 2021a.

ASIAN DEVELOPMENT BANK (ADB). Aprimoramento da Cooperação Regional em Saúde sob a CAREC 2030: um estudo de escopo, 2021b. Disponível em: <<https://www.adb.org/sites/default/files/publication/711071/carec-2030-regional-health-cooperation-study.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

ASIA-PACIFIC ECONOMIC COOPERATION (APEC). 2021 Leaders' Declaration. New Zealand, 12 Nov. 2021. Disponível em: <www.apec.org/meeting-papers/leaders-declarations/2021/2021-leaders-declaration>. Acesso em: 14 nov. 2021.

ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES DO SUDESTE ASIÁTICO (ASEAN). Declaração Conjunta de Ministros da Saúde, 2020. Disponível em: <https://asean.org/wp-content/uploads/2021/09/Adopted_ASEAN-US-Joint-Statement-on-COVID-19.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2021.

ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES DO SUDESTE ASIÁTICO (ASEAN). Esforços do setor de saúde da ASEAN na prevenção, detecção e resposta à doença coronavírus 2019 (Covid-19), 2021. Disponível em: <<https://asean.org/asean-health-sector-efforts-in-the-prevention-detection-and-response-to-coronavirus-disease-2019-covid-19/>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

CHINA. Ministry of Foreign Affairs. People's Republic of China. Joint Ministerial Statement of the Second Meeting of Foreign Ministers of Afghanistan's Neighboring Countries, 2021. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjb_663304/zzjg_663340/yzs_663350/xwlb_663352/t1917355.shtml>. Acesso em: 2 nov. 2021.

GHEBREYESUS, T. Observações do diretor-geral da OMS sobre o Líbano e o Afeganistão. WHO, 23 set. 2021. Disponível em: <www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-remarks-at-the-press-conference-on-lebanon-and-afghanistan>. Acesso em: 1 out. 2021.

ISLAMIC DEVELOPMENT BANK (ISDB). Health Sector Policy. 2021. Disponível em: <<https://www.isdb.org/publications/health-sector-policy>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

MARQUES, L. A Covid-19 na Ásia-Pacífico e no Oriente Médio: fragilidades reveladas, tensões exacerbadas e reposicionamento de aliados estratégicos. In: BUSS, P. M. & FONSECA, L. E. (Eds.). *Diplomacia da Saúde e Covid-19: reflexões a meio caminho*. Rio de Janeiro: Observatório Covid-19 Fiocruz, Editora Fiocruz, 2020a. (Informação para ação na Covid-19 series). Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557080290.0018>. Acesso em: 29 set. 2021.

MARQUES, L. Coletânea dos Informes Semanais Respostas da Ásia-Pacífico e Oriente Médio à Covid-19. Rio de Janeiro, 2020b. Disponível em: www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/46346/2/Consolidado%20de%20todos%20os%20informes%20semanais%20Asia%20Pac%3adfico%20e%20Oriente%20M%3a9dio.pdf. Acesso em: 29 set. 2021.

MARQUES, L. O que está em jogo não é o uso da burca. *Cadernos Cris - Fiocruz: Saúde Global e Diplomacia da Saúde*, 15, Rio de Janeiro, 2021a, p. 63-69. Disponível em: www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/48826/2/Informe%20CRIS%20Sa%3bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%3bade%2015-21%20vf.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

MARQUES, L. Talibã e EUA: ganhador e perdedor da guerra acenam com promessas para (re)conquistar aliados e alianças. *Cadernos Cris - Fiocruz: Saúde Global e Diplomacia da Saúde*, 16, Rio de Janeiro, 2021b, p. 49-56. Disponível em: www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/49105/2/Informe%20CRIS-Fiocruz%20sobre%20Sa%3bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%3bade%2016-21.pdf. Acesso em: 2 out. 2021.

MARQUES, L. Ásia-Pacífico e Oriente Médio na saúde global e diplomacia da saúde. *Cadernos Cris - Fiocruz: Saúde Global e Diplomacia da Saúde*, 9, Rio de Janeiro, 9, 2021c, p. 81-91. Disponível em: www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/47585/2/Informe%20CRIS%209-21%20Sa%3bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%3bade.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

MARQUES, L. Em meio à luta contra variante Delta, a humanidade é cobrada por anos de destruição, descaso e negligência contra o planeta. *Cadernos Cris - Fiocruz: Saúde Global e Diplomacia da Saúde*, 14, Rio de Janeiro, 2021d, p. 68-79. Disponível em: www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/48648/2/CRIS%2014-21%20Sa%3bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%3bade.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

MARQUES, L. Ásia-Pacífico e Oriente Médio na Saúde Global. *Cadernos Cris - Fiocruz: Saúde Global e Diplomacia da Saúde*, 11, Rio de Janeiro, 2021e, p. 72-77. Disponível em: www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/48210/2/Informe%20CRIS%2011-21%20Sa%3bade%20Global%20e%20Diplomacia%20da%20Sa%3bade.pdf.

MARQUES, L. Quando a incerteza e a turbulência chegam, nós nos juntamos, trabalhamos e crescemos juntos: Ásia-Pacífico e Oriente Médio na Saúde Global e Diplomacia da Saúde - Informe 13 - Julho 2021f, p. 71-82. *CRIS 13-21 Saúde Global e Diplomacia da Saúde.pdf (fiocruz.br)* Acesso em: 2 out. 2021.

MARSHAL, T. *Prisioneiros da Geografia: 10 mapas que explicam tudo que você precisa saber sobre política global*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Conselho de Direitos Humanos. Relatório sobre Situação dos Direitos Humanos em Myanmar, 13 set. 2021a. Disponível em: <www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/RegularSessions/Session48/Documents/A_HRC_48_67.docx>. Acesso em: 2 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Fórum de Alto Nível para Desenvolvimento Sustentável. Revisões nacionais voluntárias, 2021b. Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/vnrs/#VNRDatabase>>. Acesso em: 30 set. 2021.

SIMÕES, R. O que foi e como terminou a Primavera Árabe? BBC News Brasil, London, 20 fev. 2021. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/internacional-55379502>. Acesso em: 1 out. 2021.

UNITED NATIONS (UN). Our Common Agenda – Report of the Secretary-General. Geneva: United Nations, 2021. Disponível em: <www.un.org/en/content/common-agenda-report/assets/pdf/Common_Agenda_Report_English.pdf>. Acesso em: 1 out. 2021.

WHITE HOUSE. Remarks by President Biden, Prime Minister Morrison, Prime Minister Modi, and Prime Minister Suga at Quad Leaders Summit, 24 set. 2021. Disponível em: <www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/09/24/remarks-by-president-biden-prime-minister-morrison-prime-minister-modi-and-prime-minister-suga-at-quad-leaders-summit/>. Acesso 29 set 2021.

WORLD BANK. Refugee-Policy-Review-Framework-Technical-Note – 2021a. Disponível em: <<https://documents1.worldbank.org/curated/en/159851621920940734/pdf/Refugee-Policy-Review-Framework-Technical-Note.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2021.

WORLD BANK. *Women, Business and the Law* 2021. Washington: World Bank, 2021b. Disponível em: <[doi:10.1596/978-1-4648-1652-9](https://doi.org/10.1596/978-1-4648-1652-9)>. Acesso em: 2 out. 2021.

WORLD BANK. The World Bank In Pacific Islands. 2021c. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/en/country/pacificislands/overview#1>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). A74/22. Health conditions in the occupied Palestinian territory, including east Jerusalem, and in the occupied Syrian Golan, 20 May 2021a. Disponível em: <https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA74/A74_22-en.pdf>. Acesso em: 29 set 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Regional Office for the Eastern Mediterranean. A pausa de financiamento resulta no fechamento de 2.000 unidades de saúde no Afeganistão. Cairo, Cabul, 6 set. 2021b. Disponível em: <www.emro.who.int/afg/afghanistan-news/funding-pause-results-in-shut-down-of-more-than-2000-health-facilities-in-afghanistan.html>. Acesso em: 1 out. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). The Question of Palestine. Disponível em: <<https://www.un.org/unispal/>>. Acesso em: 15 nov. 2021c.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Regional Office for the South-East Asia. Disponível em: <<https://www.who.int/southeastasia>>. Acesso em: 14 nov. 2021d.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Regional Office for the Western Pacific. Disponível em: <<https://www.who.int/westernpacific/>>. Acesso em: 14 nov. 2021e.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Regional Office for the Eastern Mediterranean. Disponível em: <<http://www.emro.who.int/index.html>>. Acesso em: 14 nov. 2021f.